



KIERKEGAARD OU QUANDO TRÁGICO E CULPA RESULTAM SINÔNIMO

Roberto Sávio Rosa (UESC)

Em Kierkegaard a relação de proximidade entre o trágico e a culpa comparece sólida! Em um ensaio contundente e determinante com relação à reflexão proposta procurou apresentar as condições de possibilidade que facultam a leitura do trágico sob a perspectiva da culpa. Os critérios e motivos que possibilitaram essa relação (relação que acreditamos incompatível), estão presentes no fabuloso texto sobre o trágico, "*Il riflesso del tragico antico nel tragico moderno*"³¹¹ e tendem a reforçar a consideração.

A idéia geral, que comparece no ensaio, alude às características do trágico antigo e indica como a incorporação e revitalização das mesmas, seriam diversas no trágico moderno. O ponto de apoio determinante capaz de fornecer a chave de acesso à compreensão das diferenças, diz respeito segundo Kierkegaard, ao modo como vem representada a "*emoção penosa da culpa*".

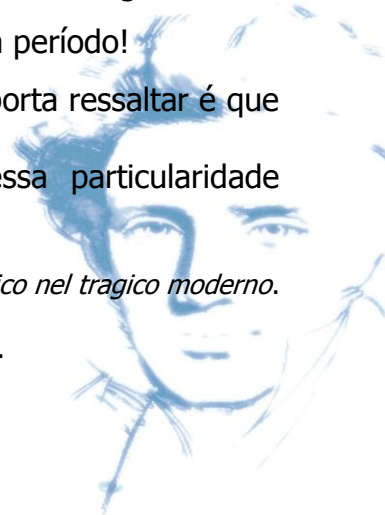
Entretanto, no mesmo ensaio, afirma que, independente da historicidade, que independente do trágico permanecer com um sentido comum, não parece suficiente para determinar uma universalidade e sintonia, consoante as especulações e concepções a seu respeito.

Segundo Kierkegaard, entre o trágico antigo e o trágico moderno existe um abismo! "*C'è una differenza essenziale tra la tragedia antica e quella moderna*".³¹² A concretização do distanciamento entre uma e outra concepção resulta da diversidade de representações quanto ao lugar do homem no mundo, das transgressões e incursões por ele efetuadas e, do sentido que receberam em cada período!

Mesmo apresentando diferenças interpretativas, o que importa ressaltar é que o impulso inexpugnável dedica cada vez mais atenção a essa particularidade

³¹¹ KIERKEGAARD, S. Enten-Eller. Tomo Secondo. In: *Il riflesso del tragico antico nel tragico moderno*. A cura di Alessandro Cortese. Milano: Adelphi Edizioni, 2005. p. 17.

³¹² "Existe uma diferença essencial entre a tragédia antiga e a moderna". p. 19.





humana. Aquilo que comparece, enquanto motivo de reflexão é sempre a inefável configuração e expressão do trágico. Mas como é possível afrontar uma questão como essa? Ou ainda, como é possível aproximar as diferenças constituintes entre as diversas concepções? Entre a concepção estética da tragédia e a expressão e concepção ética?

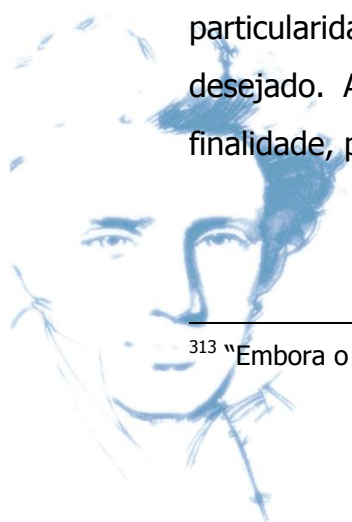
A primeira reflexão do ensaio kierkegaardiano indica a presença de certa compreensão, quanto ao sentido do trágico que se manteria perene. Mesmo com o advento das inumeráveis transformações sociais, das ilustrações e interpretações, não foi possível instituir um distanciamento abrupto com relação ao significado existencial do trágico: "*Sebbene il mondo sia mutato, la rappresentazione del tragico è ancor essenzialmente immutata*".³¹³ Trágico parece estar uma percepção solidificada em todo tempo e lugar.

No entanto, isto não implica considerar ou dizer que o trágico antigo e o trágico moderno estão sinônimos! O fato de dizer que a representação do trágico permanece imutável se deve, segundo Kierkegaard, ao vasto campo coberto pela sistematização do trágico, contida na Poética de Aristóteles, precisamente, na capacidade normativa que esta organização estabeleceu.

Ao apresentar as considerações aristotélicas, como responsáveis por indicar um modelo estrutural da tragédia (de ações representadas com o intuito de promover o medo e a compaixão), Kierkegaard pretende fazer alusão ao abrangente campo abarcado pela definição.

O estudo já consolidado, não pode ser considerado equivocado, tampouco, preciso por excelência! O que Kierkegaard parece indicar é que com a amplitude proposta na definição aristotélica, não se concede atenção à multiplicidade de particularidades mundanas representadas capazes de gerar e produzir o efeito desejado. A partir de Aristóteles, a atenção das reflexões recai sempre, para a finalidade, para o resultado produzido.

³¹³ "Embora o mundo mudou a representação do trágico ainda é essencialmente inalterada". p. 19.





Tais particularidades, se consideradas separadamente, demonstrariam tanto a diversidade quanto à similitude das sensações trágicas, simultaneamente, o que poderia favorecer a compreensão do reflexo do trágico antigo no trágico moderno.

A sugestão de Kierkegaard, contida no ensaio, não procura demonstrar, somente, as diferenças de concepção entre o trágico antigo e o moderno, ou o reflexo de um no outro, mas *"di mostrare come le caratteristiche del tragico antico possano venir incorporate nel tragico moderno cosicchè il vero tragico arrivi colà a manifestarsi"*.³¹⁴

A sugestão parece insinuar a possibilidade de existência de uma representação particularíssima do trágico, a saber, de um modo justo, capaz de indicar e presentificar na manifestação ou representação, aquele elemento essencial que comparece com a reflexão do trágico, tanto na antiguidade quanto na modernidade.

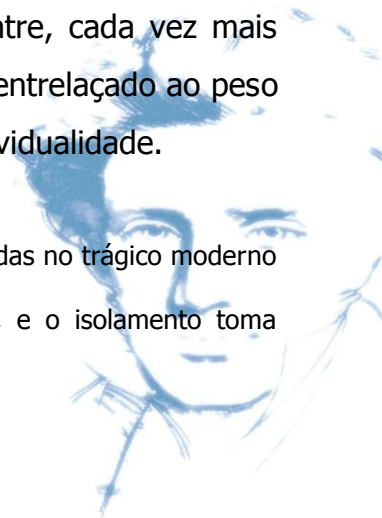
Mas que modo é esse? Ou ainda, é possível a configuração desse modo? Dessa concepção extraordinária do trágico? E, se o modo existe, seria a demonstração dessa existência uma empresa simples e possível de ser realizada? Independente de haver uma concepção tida como singular do trágico, Kierkegaard parece não compartilhar da facilidade da empresa moderna em demonstrá-la. Por quê?

Simplesmente, porque as manifestações e acontecimentos modernos reforçam cada vez mais a supremacia do cômico em detrimento do trágico. Para Kierkegaard, a dificuldade de fazer comparecer um trágico moderno ocorre, porque *"l'esistenza è a tal punto resa indeterminata dal dubbio soggettivo, e l'isolamento prende costantemente e sempre più il predominio..."*³¹⁵, que o trágico é visto dissociado da universalidade e associado à particularidade.

Essa dissociação destoante (de isolamento cada vez mais significativo do sujeito) faz pensar que o sentido do trágico moderno se encontre, cada vez mais vinculado, aprofundado e explorado, à subjetividade. Que esteja entrelaçado ao peso excessivo da responsabilidade conquistada com o advento da individualidade.

³¹⁴ "De mostrar como as características do trágico antigo possam vir incorporadas no trágico moderno de tal modo que o verdadeiro trágico consiga se manifestar". p.21.

³¹⁵ "A existência é a tal ponto tornada indeterminada da dúvida subjetiva, e o isolamento toma constantemente e sempre mais o predomínio...". p. 21.





O pavor generalizado, de responder pelas próprias ações, revela a característica fundamental da modernidade, a saber, "*d'essere più melanconica e quindi più profondamente disperata*".³¹⁶ Nestas condições sugere uma concepção de trágico originado do desespero. Ou seria um trágico enquanto desespero?

O desespero moderno estaria condicionado ao peso e a repercussão, cada vez maior e consistente, daquilo que implica responsabilidade. Dever e responsabilidade estariam leis inelutáveis, as quais o sujeito moderno pela sua independência, estaria submisso. Mas como afrontar essa reflexão?

Parece possível perceber a tendência moderna de participação nos atos significativos da existência. Entretanto, ao tomar parte, o faz com diluição, com precaução e distanciamento quanto à obrigação resultante dos mesmos. Ora, dirá Kierkegaard, é justamente essa tendência à diluição, ao colocar-se a salvo, ao esquivar-se, ao escusar-se da responsabilidade, típica característica moderna, que reforça o cômico e não o trágico.

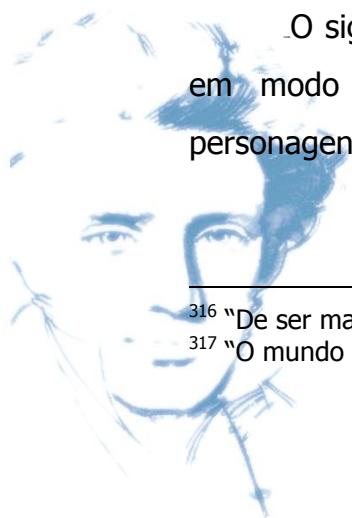
A auto-suficiência singular requerida estaria um sintoma e, demonstraria, um distanciamento do trágico. Ela alimenta e insinua, a mensuração ilusória do contingente (do acontecimento isolado), enquanto capacidade de ser e estar o acontecimento significativo do mundo. Para Kierkegaard, aquilo que teria se revelado característico, na tragédia antiga, seria o fato da representação não estar, simplesmente, ação e caráter, mas, fundamentalmente, dor e sofrimento, enquanto qualidade do que é transiente.

Da representação não estar, somente, releitura e interpretação dos mitos (épica), mas acontecimento e ação integrados! Por que? Particularmente, porque "*il mondo antico non aveva la soggettività riflessa in sé*".³¹⁷ O trágico antigo não insinua um percurso que se volta sobre si mesmo. Não insinua um percurso em que a consciência elabora cogitações sobre si mesma.

O significado disso é que independentemente da representação antiga dar-se em modo livre (no sentido de força, decisão, caráter, transitoriedade), as personagens (os heróis) permaneciam circunstanciadas e condicionadas aos confins

³¹⁶ "De ser mais melancólica e, portanto, profundamente mais desesperada". p. 22.

³¹⁷ "O mundo antigo não possuía a subjetividade refletida em si". p. 24.





determinantes das estruturas do seu mundo, tais como, a família, o estado e, mais ainda, aos acontecimentos.

Segundo Kierkegaard, essa substancialidade (precisamente, esse conjunto, que encerra um saber importante e fundamental), "*è la vera e propria fatalità della tragedia greca, e la sua vera e propria caratteristica*".³¹⁸ A subjetividade moderna não encontra representação ou espaço na tragédia antiga. A realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano é invenção moderna e, com ela, modifica-se também a representação e a concepção de trágico.

O falimento do herói antigo não estaria, somente, uma ação, mas a participação emotiva nessa ação, particularmente, a experiência do sofrimento que a ação proporciona. Ação e sofrimento estariam vinculados. Ação e sofrimento estão experiências concomitantes. O mesmo não se pode dizer do falimento do herói trágico moderno. Na modernidade, o naufrágio do herói reside, objetivamente, na ação.

O naufrágio moderno está auto-suficiente. Ele encontra e preconiza a desgraça, em função da sua própria determinação, desvinculado de um fio condutor, que o precede e amarra a antepassados, à historicidade ou ao destino. Segundo Kierkegaard, "*l'eroe sta e cade completamente sui suoi propri atti*".³¹⁹

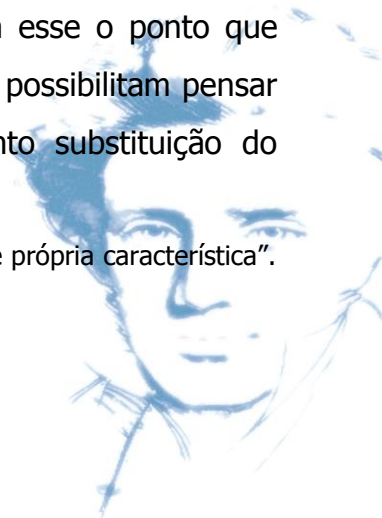
Entretanto, todas as indicações, até então sugeridas, não representam nem traduzem, segundo Kierkegaard, aquela diferença fundamental entre os modos de representação do trágico antigo e moderno. Nesse sentido cabe a questão: mas onde reside essa diferença? Segundo Kierkegaard, essa diferença consiste em representar, diversamente, a culpa. Aquilo que Kierkegaard considera muito importante e, que advém o fio condutor da sua teoria do trágico é: "*la diversa specie di colpa tragica*".³²⁰

A interpretação de Kierkegaard parece não permitir a inclusão de dúvidas, com relação ao vínculo instituído entre culpa e trágico. E, será esse o ponto que devotaremos atenção, uma vez que, reforça os argumentos, que possibilitam pensar a concepção de decadência, em sentido nietzschiano, enquanto substituição do

³¹⁸ "É a verdadeira e própria fatalidade da tragédia grega, e a sua verdadeira e própria característica". p. 24.

³¹⁹ "O herói está e cai completamente sobre seus próprios atos". p. 24.

³²⁰ "As diferentes espécies de culpa trágica". p. 25.





sentido do trágico pelo sentido da culpa. (ou da concepção trágica do mundo pela concepção escatológica do mundo).

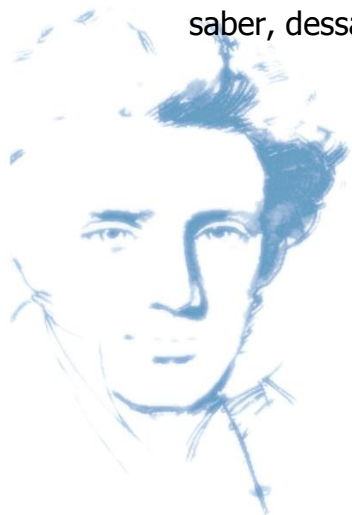
A fim de ilustrar a sua concepção, Kierkegaard retoma a definição aristotélica, segundo a qual a característica principal da ruína do herói trágico antigo advém de um erro (*ἁμαρτία*). Errar, nesse sentido pode significar um agir sem rumo, um vaguear. Pode significar um agir em dissonância com o agir correto possível. O homem trágico, na representação antiga é um homem movido a impulsos e a intromissão do erro, em seu universo, ocorre em função do distanciamento da reflexão.

Como as ações representadas pela tragédia antiga não estão somente ações, mas participação emotiva, ou seja, simultaneidade entre ação e sofrimento, o que vem considerado trágico, segundo Kierkegaard, é a capacidade suscitada através da sobre impressão entre o agir e o sofrer, precisamente, da dubiedade gerada através da interposição representada.

A experiência concomitante, do agir e sofrer implicaria confusão e colisão! Implicaria o efeito de identificar uma coisa com outra até torná-las indistintas. Implicaria, a partir da indistinção, escolher inadequadamente, ou seja, errar. Nesta perspectiva, a ruína do herói ambíguo. A causa promotora de sua ruína advém obscura, vaga, incerta, gerando interpretações diversas e até contrárias. O trágico antigo aparece *anfibilógico*!

A força do trágico antigo consiste então, na capacidade de representar, indefinidamente, a sobreposição, entre a responsabilidade individual e o fado, entre a ação e o que necessariamente tem de ser. A força do trágico antigo consiste particularmente para Kierkegaard, na capacidade anfibilógica de representar a culpa. Para o filósofo dinamarquês, a força da concepção, que comparece no trágico antigo, estaria a capacidade de favorecer a percepção dessa confusão-colisão, a saber, dessa dubiedade inerente da culpa.

Se l'individuo non ha colpa alcuna, l'interesse tragico è annullato, perchè in tal caso è snervata la collisione tragica; se invece ha





assolutamente colpa, non ci interessa più dal punto di vista tragico.
(KIERKEGAARD, p. 25).³²¹

Entretanto, ocorre aqui uma reflexão a respeito daquilo que comumente vem indicado como culpa. A colisão e a percepção da colisão devem assumir o caráter accidental. Por quê? Porque o que está em jogo na representação do trágico antigo, segundo Kierkegaard, é a concepção de falimento do herói na perspectiva estética!

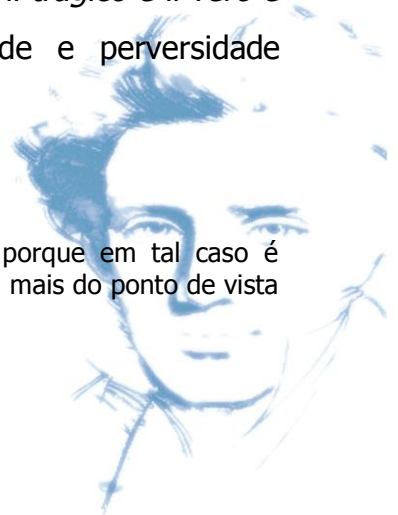
Diferentemente e em contrariedade com o modo antigo de conceber o trágico, parece estar o esforço dos modernos. A tendência preponderante é demonstrar que a fatalidade constituinte da senda do herói é de sua inteira responsabilidade. A personagem trágica, ao ser representada sem a necessária correlação de estruturas constituintes do seu mundo, advém como uma ilha no oceano.

Sem determinação alguma senão à sua própria e suficiente vontade, o herói trágico moderno se insurge, desvinculado de tudo e todos e, quando fracassa, ressentido o peso da obrigação sobre as costas. Assim a apreensão do sentido trágico antigo, para Kierkegaard, é transformada na modernidade, em apreensão alguma, precisamente, em apreensão do vazio! Mas qual a implicação dessa transformação? Que a concepção do sofrimento, na modernidade, tornou-se fátua. Que a dor implica a consciência de haver cometido uma ação desprezível! O trágico estético transmuta-se em ético, transmuta-se em culpa no senso moral.

O herói trágico passa a ser concebido enquanto negatividade, enquanto alguém que naufragou devido à falta de princípios ou devido à perversidade constituinte. Nesse sentido ele é travestido com as máscaras do nocivo e não da tragicidade! Mas, tragicidade e prejuízo, estariam impressões idênticas? Segundo Kierkegaard, não. A modernidade, ao identificar o trágico com o prejudicial, torna a potencializar as características da representação cômica, porque "*il trágico è il vero e proprio crimine nella sua equivoca innocenza*".³²² Tragicidade e perversidade estariam incompatíveis!

³²¹ Se o indivíduo não tem culpa alguma, o interesse trágico é anulado, porque em tal caso é obstruída a colisão trágica; se ao contrário apresentar culpa, não nos interessa mais do ponto de vista trágico. p. 25.

³²² O trágico é o verdadeiro e próprio crime na sua equívoca inocência". p. 25.





..Talvez uma das características preponderantes da representação do trágico moderno, portanto da fatuidade, decorra da seguinte tese geral:

..Che il significato della vita consista nella sofferenza. Che il dolore sia il vero significato della vita. È caratteristica di tutta l'evoluzione moderna la predilezione per il dolore. Voler soffrire è ritenuta una concezione di vita più alta che non voler essere felice. (KIERKEGAARD, p. 97).³²³

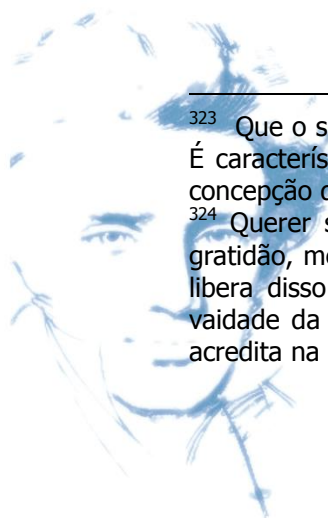
..Mas qual seria a motivação de tal conduta? E, Kierkegaard mesmo, responde:

..Voler essere felici è naturale, voler soffrire non è naturale. E poi essere felici porta con sé quasi un dovere di gratitudine, anche se la mente è troppo imbrogliata per sapere bene chi si debba ringraziare: soffrire invece ci libera da questo e la vanità è più soddisfatta. La nostra epoca inoltre ha sperimentato in tanti modi la vanità della vita che non crede più alla gioia, e, tanto per avere qualche cosa in cui credere, crede al dolore. (KIERKEGAARD, p. 97).³²⁴

A resposta instiga a pensar a ilusão contida na concepção de que o significado da vida consista em algo exterior ao próprio homem. De acordo com Kierkegaard, essa não pode ser considerada uma concepção estética e tampouco, uma concepção ética, visto que comparece enquanto entrelaçamento das duas concepções e está capaz de seduzir, justamente, em função do engano que proporciona. E a qual engano faz referencia? Ao engano originado da concepção estética da vida! Para ele a primazia da interpretação do trágico se deve ao ético e não ao estético. Isto implica considerar a representação do trágico, relativamente aos costumes e ao comportamento moral, o que favorece a leitura do trágico sob a perspectiva da culpa:

³²³ Que o significado da vida consiste no sofrimento. Que a dor seja o verdadeiro significado da vida. É característica de toda evolução moderna a predileção pela dor. Querer sofrer é considerado uma concepção de vida mais elevada que não desejar ser feliz. p. 97.

³²⁴ Querer se feliz é natural, querer sofrer não é natural. Portanto ser feliz carrega um dever de gratidão, mesmo se a razão não distinguir por saber a quem deve agradecer: sofrer ao contrário nos libera disso e a vaidade é satisfeita. A nossa época também experimentou de tantas maneiras a vaidade da vida que não acredita mais no gozo, e, assim por ter qualquer coisa no qual acreditar, acredita na dor. p. 97.





„Io, dirà Kierkegaard, non posso vivere sotto determinazioni estetiche, sento che vi perdo ciò che è più sacro nella mia vita; esigo una espressione più alta, e l'etica me la offre. (KIERKEGAARD, p. 100).³²⁵

A reprimenda kierkegaardiana com relação ao modo estético de conceber o trágico (característica peculiar da concepção antiga) se deve ao fato da exclusão de possibilidades, precisamente, a fatalidade. Tendo em vista a imagem da âncora, que representa as virtudes básicas dos cristãos (fé, caridade e esperança), refuta o sentido trágico estético, não pela imagem do sofrimento que este configura, mas em função do sofrimento destituído de remissão e esperança. *“Tu escludi la speranza quando affermi che lo scopo della vita è di vivere nel dolore. Ma non bisogna soffrire come un'uomo senza speranza”*.³²⁶

O sofrimento sugerido na concepção trágica moderna, portanto, enquanto sinônimo de culpa, concebe e concede, ao desenlace, um lugar para a esperança. Isto significa, segundo Kierkegaard, dar *“una espressione etica al dolore”*.³²⁷

Mas por que não se pode permitir a experiência do viver sob a perspectiva estética? Talvez porque tal perspectiva implique a noção de felicidade *“...sì, io direi che è solo quando ha il tragico che l'individuo è felice”*.³²⁸ Viver sob a perspectiva ética consiste em viver, segundo uma concepção mais severa e dura.

Mas, não é o mesmo que decretar a ruminação da dor, da sensação de sofrimento, de dano infligido em função de alguma transgressão moral? Ou ainda, não é manifestar a preferência, por uma justificação da vida e tudo que ela implica, sob a égide da culpa? A opção de Kierkegaard parece não deixar dúvidas:

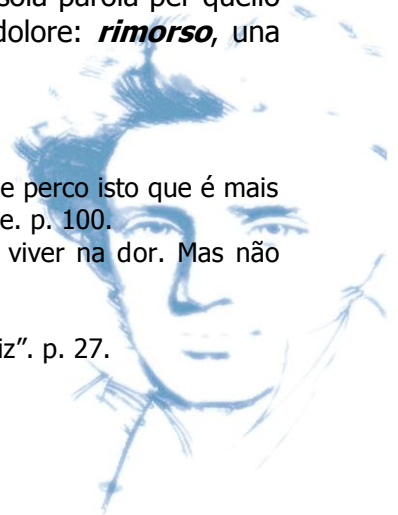
„Ti assicuro che se la mia vita fosse, **senza mia colpa**, intessuta di dolore e da far inorridire il mondo nominandolo, la mia scelta sarebbe già fatta; spoglierei l'abito dell'eroe e il pathos della tragedia; non voglio essere il tomentato che può andar orgoglioso dei suoi dolori, sono l'umiliato, che sente la sua colpa; ho una sola parola per quello che soffro: **colpa**, una sola parola per il mio dolore: **rimorso**, una

³²⁵ Eu, dirá Kierkegaard, não posso viver sob a determinação estética, sinto que perco isto que é mais sagrado na minha vida; exijo uma expressão mais elevada, e a ética me oferece. p. 100.

³²⁶ “Tu exclus a esperança quando afirmas que a finalidade da vida é a de viver na dor. Mas não necessitas sofrer como um homem sem esperança”. p. 100.

³²⁷ “uma expressão ética à dor”. p. 101.

³²⁸ “...sim, eu direi que é somente quando existe o trágico que o indivíduo é feliz”. p. 27.





sola speranza davanti a me: **perdono**.³²⁹(KIERKEGAARD, p. 100-101)

A escolha das palavras parece indicar sinonímia entre o trágico e a culpa, mas vai muito além. Ao indicar a culpa, como a única representante do seu sofrimento, Kierkegaard vincula a origem do sofrimento, tanto à concessão (como presente da parte de alguém), quanto à determinada ação que emerge contraposta a alguma lei: "*non sopporto nessuna ribellione, non voglio che nessuna cosa al mondo faccia sfuggire quello che ho ricevuto come grazia dalla mano di Dio*".³³⁰ Indica estar o sofrimento a causa involuntária de um efeito não desejado.

Ao designar o remorso como o representante exclusivo da sua dor, indica um sentimento que se prova a partir de uma ação moralmente imprópria (considerada danosa), precisamente, a partir de uma culpa. Ao vislumbrar no horizonte os doces atributos da esperança concebe a possibilidade de humanidade vir agraciada com o gesto nobre e generoso da não punição! Mas faz alusão à concepção de trágico ou a concepção de salvação?

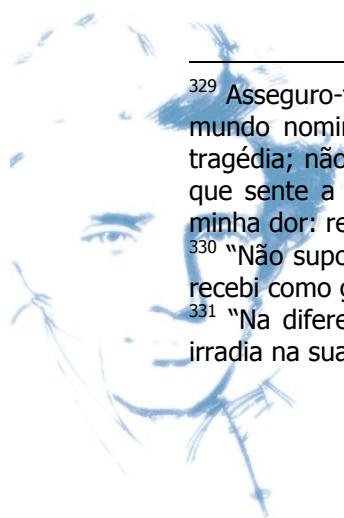
Ao devotar atenção especial, a virtude da esperança, reforça a exigência da «*katàstasis*» (κατάστασις) religiosa, do desenredo, na qual os acontecimentos se precipitam e conjugam para um final que redime da dor e do sofrimento. Ao solicitar perdão, reconhece a culpabilidade, a ofensa ou a dívida e espera ser agraciado com o indulto.

A interpretação kierkegaardiana insinua que a diferença entre o trágico antigo e o trágico moderno reside "*nella differenza di colpa dell'eroe trágico. Ecco il vero e proprio punto focale da cui tutto s'irraggia nella sua caratteristica diversità*".³³¹ Mas como é possível seguir os passos determinantes dessa diferença? Para o filósofo a peculiaridade dessa diferença pode ser atribuída ao modo como são concebidas as relações entre o castigo e o sofrimento!

³²⁹ Asseguro-te que se a minha vida fosse destituída de culpa, entrelaçada de dor e de fazer chocar o mundo nominando-o, a minha escolha já estaria feita; retirarei as vestes do herói e o *pathos* da tragédia; não desejo ser o atormentado que pode andar orgulhoso das suas dores, sou o humilhado, que sente a sua culpa; tenho uma só palavra por aquilo que sofro: culpa, uma só palavra para a minha dor: remorso, uma só esperança em frente a mim: perdão. (KIERKEGAARD, p. 100-101).

³³⁰ "Não suporto nenhuma rebelião, não quero que nenhuma coisa no mundo faça perder aquilo que recebi como graça da mão de um Deus". p.101.

³³¹ "Na diferença de culpa do herói trágico. Eis o verdadeiro e próprio ponto focal da qual tudo se irradia na sua característica diversidade". p.28





REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARISTOTELE, *Poetica*, Editori Laterza, Roma-Bari, 2006.
- KIERKEGAARD, S. *Il concetto dell'angoscia*, SE, Milano, 2007.
- _____, *Enten-Eller*, Tomo II, Adelphi, Milano, 2005.
- _____, *Enten-Eller*, Tomo V, Adelphi, Milano, 1989.

